

A TRAJETÓRIA DE UM SUCESSO: A FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO, CONTABILIDADE E ECONOMIA DA PUCRS

Sérgio de Lessa Gusmão^{*}
Leandro Antônio de Lemos^{**}

Resumo – Este trabalho apresenta um breve histórico da Faculdade de Administração Contabilidade e Economia (FACE) da PUCRS. Ele procura resgatar essa trajetória desde a sua fundação, em 1931, pelos Irmãos Maristas, como um curso superior de Economia e Finanças. Comemora-se, neste ano de 2006, 75 anos de existência. Ao longo desse período, ela acompanhou as transformações sociais, políticas e econômicas que ocorreram no Brasil e no mundo. Assim, o trabalho descreve os principais eventos sociais e econômicos ocorridos, cuja influência se fez sentir no País e em toda a Universidade.

Palavras-chave – Faculdade de Administração, Contabilidade e Economia (FACE). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Irmãos Maristas.

Abstract – This paper presents the history of the College of Management, Accounting and Economics of the “Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul”, Brazil (PUCRS). It describes its trajectory from 1931 to 2006, when the College completes 75 years of existence. It was established by the Brothers of Mary as a course in economics and financing. During these years it followed the social, political and economic changes which transformed not only Brazil, but also the world. The paper describes the main social and economical events that influenced the society and the modernizations which the College promoted along its existence.

Key words – PUCRS. History of the College of Management. Accounting and Economics. Brothers of Mary.

JEL Classification – A20, Economics Education and Teaching of Economics.

1 Introdução

A fundação de um curso de economia e finanças em 1931 requereu um espírito visionário e audacioso. Era o momento em que havia um conjunto

^{*} Diretor da Faculdade de Administração, Contabilidade e Economia. Administrador. Doutor em Administração pelo PPGA/EA/UFRGS.

^{**} Coordenador do Departamento de Economia/FACE. Economista e Mestre em Economia pela UFRGS. Doutor em Comunicação e Turismo pela USP.

ANÁLISE	Porto Alegre	v. 17	n. 2	p. 274-283	jul./dez. 2006
----------------	--------------	-------	------	------------	----------------

de transformações na sociedade brasileira e mundial. O mais cômodo seria aguardar e esperar as turbulências se aquietarem. Mas, um grupo de professores, liderados por um Irmão Marista, resolveu empreender no Colégio Rosário um curso superior que se tornou o sustentáculo da história de uma das mais importantes universidades da América Latina: a PUCRS.

O exercício de olhar para trás no tempo geralmente traz reducionismos e imagens embaçadas. Há setenta e cinco anos, então... Lamenta-se dizer que não será possível revivenciar os momentos, as certezas e as dúvidas que estavam nos corações e nas mentes daqueles professores. O máximo que se pode reunir é um conjunto de fatos e processos. O leitor precisará mergulhar nesta viagem temporal e também trazer de sua memória e conhecimento outros eventos e histórias desta trajetória.

Para começar, é necessário tentar refletir sobre que momento histórico foi criado o curso que deu origem à Faculdade de Administração, Contabilidade e Economia – FACE. Trata-se do início de uma década que marcará o Brasil e o Mundo, e cujos fatos, causaram rupturas que ainda hoje permeiam a estrutura, a conduta e os desempenhos de empresas e instituições da sociedade atual.

2 Contexto histórico anterior

Os anos de 1920 e início dos anos de 1930 foram constituídos de um conjunto de eventos que repercutiram de forma intensa na iniciativa de constituição dos cursos superiores no Brasil. A década anterior, a de 1920, foi alardeada no mundo como um momento de prosperidade e liberdade. A sociedade dos grandes centros urbanos já se deliciava com o jazz, a ópera, o teatro e os cinematógrafos nos quais Rodolfo Valentino era a estrela principal. Nas vestimentas, a liberdade do Chanel e do *sportswear* já era alimentada pela indústria da moda. O estilo *art-decò* era a representação de que as famílias começavam a aumentar a demanda de bens de consumo para o lar, indícios da formação de uma classe média emergente.

A economia da cultura se fortaleceu no Brasil, em 1922, com a Semana de Arte Moderna, realizada por intelectuais, como Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Graça Aranha, Manuel Bandeira, Anita Malfati, Di Cavalcanti e Tarsila do Amaral, Brecheret, Villa-Lobos, entre outros, no Teatro Municipal de São Paulo. Em 1925, surrealistas como Joan Miró e Pablo Picasso iniciavam a apresentação de seus trabalhos em Paris. Foi uma era de inovações tecnológicas, da eletricidade, da modernização das fábricas, do rádio e do início do cinema falado, que criaram, principalmente nos Estados Unidos, um clima de prosperidade sem precedentes, constituindo um dos pilares do chamado “*american way of life*” (o estilo de vida americano). A

máquina de datilografar¹ passou a ser produzida em escala industrial abastecendo milhares de escritórios de negócios no mundo e inserindo o trabalho da mulher no mercado antes monopolizado por homens.

O *crash* da Bolsa de Nova Iorque foi o trauma que acabou com o sonho econômico. O desemprego, a Grande Depressão e a pobreza evidenciaram que a dinâmica do livre mercado precisava de reparos. Na mesma época, no Brasil, foi fundado o Partido Comunista Brasileiro, filiado à III Internacional Socialista. A líder sufragista americana Carrie Chapman Catt veio ao Brasil e para falar às líderes feministas do País. Teve início o movimento tenentista com a Revolta dos Dezoito do Forte, liderados pelo tenente Siqueira Campos. O capitão Luiz Carlos Prestes iniciou a marcha da chamada Coluna Prestes, quando o Presidente Epitácio Pessoa mandou fechar o Clube Militar. O mineiro Artur Bernardes foi eleito Presidente da República, passando a governar o país sob Estado de Sítio. Nascido no Estado do Rio de Janeiro e tendo levado a efeito sua carreira política em São Paulo foi eleito Presidente da República Washington Luiz.

Em 1927 foi organizada a primeira empresa comercial de aviação brasileira, a Varig. O Presidente Washington Luiz promulga a chamada *Lei Celestada*, que permitia a repressão de atividades políticas e sindicais operárias. O Partido Comunista Brasileiro foi declarado ilegal.

A produção cafeeira no Brasil sofreu um duro abalo, com o excesso de encalhe do produto, em função da crise financeira internacional. Para contrapor a “política do café com leite” dos Partidos Republicanos, Mineiro e Paulista, que alternavam o poder desde 1894, foi fundada a Aliança Liberal, lançando o líder do Estado do Rio Grande do Sul, Getúlio Vargas, como candidato à Presidência da República.

O assassinato de João Pessoa, na Paraíba, candidato à Vice-Presidência da República na chapa de Getúlio Vargas, agravou uma crise política já iniciada, permitindo a eclosão da Revolução de 1930 que trouxe o fim da Primeira República. eclodiu um movimento armado que depôs Washington Luiz, assumindo uma junta militar composta por Tasso Fragoso, Mena Barreto e José Isaiás de Noronha. O gaúcho Getúlio Vargas assumiu o poder como Presidente Provisório, dissolvendo o Congresso e governando sem seguir a Constituição até 1934. Nessa época, o dirigível Graf Zeppelin passou pelo Brasil e foi instituído o Cruzeiro como moeda nacional, substituindo o Réis.

A Era Vargas foi denominada de “Nacional Desenvolvimentismo”, sobretudo por estimular a industrialização brasileira. O Estado passou a forta-

¹ A máquina de datilografar tem papel de destaque principalmente para a profissão de Contador. Patenteada por Henry Mills em 1713, teve sua versão brasileira patenteada pelo Padre Francisco de Azevedo, em 1861. Em 1868, Christopher Latham Sholes apresentou-a aos fabricantes de armas da Remington & Sons. Na virada do século, após sucessivos aperfeiçoamentos, tornou-se ágil e prática nos anos de 1920 e de 1930, viabilizando a vida dos técnicos administrativos e contábeis.

lecer uma política comercial de proteção por meio de desvalorizações da taxa de câmbio e aumento do crédito aos investidores industriais por meio do Banco do Brasil – que, originariamente, focalizou-se no crédito agrícola. Ainda, o Estado assumiu o papel de produtor direto, ao criar as seguintes estatais: Companhia Vale do Rio Doce, Companhia Siderúrgica Nacional, Fábrica Nacional de Motores, Companhia Nacional de Álcalis, Companhia Hidroelétrica de São Francisco e a Usina de Volta Redonda. Esta última empresa tornou-se realidade por meio de um empréstimo do governo junto ao Eximbank, banco semi-oficial norte-americano. Isso influenciou a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial ao lado dos Estados Unidos.

O século XX também iniciou repleto de debates e questionamentos sobre a educação no Brasil. Dados de 1920 revelam que a percentagem de analfabetos no País atingiu a marca impressionante de 75%. Por outro lado, as transformações econômicas por que passara o Brasil nos anos de 1930, já no início da revolução Getulista, exigirá a formação de uma mão-de-obra especializada, para assumir principalmente o espaço gerado pela industrialização.

Contudo, os intelectuais da época identificaram uma formação eminentemente clássica das elites, privilegiando o estudo das artes em geral, dos clássicos e da filosofia. Este modelo foi questionado por um movimento voltado a alterar este tipo de formação, buscando uma alternativa mais conectada com as exigências sociais e econômicas da época.

3 Ensino superior de Administração, Contabilidade e Economia nos anos de 1920 e 1930

Este contexto social e econômico deu ensejo, então, à criação de uma estrutura educacional que viria a ser a base da atual Faculdade de Administração Contabilidade e Economia da PUCRS. No início do século XX, estavam em evidência os Cursos de Comércio no Rio Grande do Sul. Estes se caracterizavam, principalmente, pela concentração na área da contabilidade, a época formando os chamados guarda-livros.

Especialmente nos anos de 1920, foi reconhecido o curso comercial do Instituto Superior de Comércio, anexo ao Ginásio Nossa Senhora do Rosário, estabelecimento Marista localizado em Porto Alegre. Este curso correspondia, à época, a formação de Contador de nível médio, preparando então para o ingresso ao Curso Superior de Administração e Finanças.

Diante das questões emergentes no contexto socioeconômico regional e mundial, surgiam novas demandas para ampliação do ensino superior, o que levou vários egressos do curso comercial a manifestarem seu interesse na criação de um curso que permitisse ampliar sua formação.

As modernas teorias econômicas afirmam ser o trabalho criativo baseado no conhecimento o gerador do desenvolvimento sustentável. No entanto, as faculdades e as universidades no Brasil surgiram tardiamente em relação

ao EUA e à própria América Latina. A Universidade do Rio de Janeiro foi a primeira, criada por decreto em 1920. Em 1931, Francisco Campos, primeiro ministro da educação do país, decretou o Estatuto das Universidades Brasileiras, vigente até 1961. Neste decreto ficou especificado que, para a criação de uma universidade, era necessário, pelo mínimo, três faculdades dentre as seguintes: Direito, Medicina, Engenharia, Educação, Ciências e Letras. A Universidade de São Paulo – USP –, fundada em 1934, deu seqüência a este caminho de avanços. No palco das construções filosóficas que alicerçam o papel na universidade brasileira, foram criadas três universidades – a Universidade do Distrito Federal, a Universidade do Brasil e a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, pelo Decreto nº 25.794, de 9/11/1948, do Presidente Eurico Gaspar Dutra, sendo a primeira universidade criada pelos Irmãos Maristas no mundo (<http://www.pucrs.br/conheca/historico>).

4 A fundação da Faculdade de Administração, Contabilidade e Economia da PUCRS

Assim, a partir deste grupo e sob a orientação do Irmão Afonso iniciou em março de 1931 o primeiro curso, Economia e Finanças, que daria origem à Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas. O reconhecimento oficial da mesma aconteceu somente em março de 1934, no governo de Getúlio Vargas. Ainda no mesmo ano ocorreu a formatura da primeira turma, constituída de 9 bacharéis: Antônio Maria da Silva Filho, Arlindo Bossato, Carlos Pedro Gerlach, Ciro Menezes da Cunha, Décio Oscar Kraemer, José Schmidt, Lanes Menezes, Luís Baroni e Otávio Lund. O corpo docente da Faculdade era formado por 16 professores, sendo 11 bacharéis, 3 Irmãos Maristas e 2 contadores, sob a direção do prof. Dr. Eloy José da Rocha, que substituiu o Irmão Afonso a partir de março de 1933 (Clemente, 2002).

Cabe destacar que esta foi, no Rio Grande do Sul, a primeira faculdade a ser instituída na área de Administração e Economia. Contudo, no mesmo ano, foi criada a Universidade de Porto Alegre, mais tarde denominada de Universidade do Rio Grande do Sul, e que posteriormente tornar-se-ia a Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Assim, nesta época ainda não existiam a PUCRS e a UFRGS. A PUCRS veio a ser criada somente no ano de 1948, como Universidade Católica do Rio Grande do Sul, quando já eram existentes as Faculdades de Ciências Políticas e Econômicas, de Filosofia, Ciências e Letras, de Serviço Social e de Direito (Clemente, 2002).

Em março de 1951, após pleito aprovado junto à Santa Sé, foi instalada como Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Em nível nacional, ainda no ano de 1931, surgiu o IDORT – Instituto da Organização Racional do Trabalho, sendo criado com o objetivo de melhorar as questões administrativas nas organizações da época. Alguns anos mais tarde surgiu o DASP – Departamento Administrativo do Serviço Público, criado pelo gover-

no Getúlio Vargas, com o objetivo de organizar a administração pública nacional. Este órgão foi criado em 1937. O que se observa nos primeiros anos de existência dos cursos de Administração, Contabilidade e Economia no Brasil, e do curso da FCPE, é a focalização principal sobre a gestão pública.

Foram anos marcantes para as profissões decorrentes das competências da atual FACE. Em 1924, ocorreu o 1º Congresso de Contabilidade no Rio de Janeiro que iniciou uma luta que se materializou, no Governo Eurico Gaspar Dutra, com o Decreto-Lei Nº 9295 de 1946, que regulamentou a profissão de Contador, graças ao trabalho de contadores que marcaram época no Brasil como: Francisco D'Áuria, Frederico Hermann, João Lira e Hilário Franco. Em 1952, teve-se a regulamentação da profissão de Economista, mesmo que em 1943, já houvesse a designação de economista no Decreto-Lei Nº 5452. A profissão de Administrador foi regulamentada em 1967 pelo Decreto-Lei Nº 61.934

5 Fundamentos para as ciências no mundo da economia e dos negócios

O século XX foi pródigo para as Ciências da Administração, Contabilidade e Economia. Em relação à Administração, deve-se considerar que nas primeiras três décadas do século o conhecimento existente restringia-se apenas ao que foi desenvolvido na assim chamada Escola Clássica da Administração. Seus expoentes foram Frederick Taylor, Henry Ford e Henry Fayol. As idéias e teorias desenvolvidas pelos mesmos já haviam ocupado espaço entre as organizações norte-americanas e, em parte, nas européias. A busca pela maximização da eficiência, pela racionalização e intensificação do trabalho, caracterizada pela máxima “um homem, um posto, uma tarefa”, tornaram-se o cerne do desenvolvimento industrial do Ocidente.

Certamente esta proposta, além dos ganhos esperados pelos meios empresariais, trouxe também muitas críticas, principalmente por provocar a desumanização do trabalho. Por este questionamento toma corpo, também nos Estados Unidos, uma nova abordagem da administração que viria a constituir a Escola das Relações Humanas. Seu principal expoente foi George Elton Mayo, cujos estudos sobre produtividade no trabalho conduziram a descobertas interessantes sobre a importância que as pessoas podem assumir como fator de produtividade. Os principais estudos de Elton Mayo aconteceram na fábrica da General Electric, em Hawthorne, USA. Sendo realizada dentre os anos de 1927 e 1932; no entanto, os temas por ele tratados só viriam a ser debatidos e aplicados muitos anos mais tarde (Chiavenato, 2004).

Na Ciência Econômica, os princípios do liberalismo passam a ser duramente questionados. Afinal, o “crash” evidenciou a quebra do paradigma da “mão invisível que regulava o mercado” como preconizara Smith, Ricardo, Say e Mill. Estes, mais Jevons, Menger e Walras, que eram “devorados” nas

academias e idolatrados por executivos e empresários, sucumbem à evidência dos fatos: os mercados não se auto-regulam. A teoria do equilíbrio geral da economia passa por questionamentos até então inexistentes.

Sem dúvida, um dos mais marcantes economistas – talvez junto com Marx – John Maynard Keynes com sua *Teoria geral do emprego, do juro e do dinheiro* provocou uma revolução no pensar e agir na sociedade. Sua visão de que o governo era o agente fundamental para realizar demanda na economia e reverter ciclos foi baseada na demonstração de que o capitalismo tende ao desequilíbrio e não ao paraíso da prosperidade. A mensagem de Keynes, no entanto, deu vazão ao fortalecimento do Estado-Nação e de grandes estadistas com um enorme poder econômico na mão: os gastos do governo.

Somado à era do fordismo, estes elementos influenciam sobremaneira a formação dos profissionais em economia e negócios no Brasil. As propostas curriculares estavam atreladas ao mundo do trabalho onde o Estado era o maior gerador de empregos para economistas, administradores e contadores.

Nas faculdades de economia no Brasil, o modelo de economista-teórico e com sólidos conhecimentos em macroeconomia e setor público foi forjado. Atravessou décadas, pelos governos sucessivos que também foram keynesianos e intervencionistas. Mesmo que Eugênio Gudin, talvez o primeiro economista brasileiro de renome, tivesse influência sobre algum pensamento liberal ainda instaurado nas disciplinas de microeconomia, não sobreviveu aos longos anos de educação voltada ao estado grande e intervencionista. Algumas doses de marxismo foram acrescidas em instituições como USP e Unicamp que, derivadas da Cepal e de economistas latino-americanos, agregaram uma linha de formação crítica ao capitalismo financeiro internacional. A concepção teórica do modelo de substituição de importações foi o grande espaço para a inclusão de nomes como Celso Furtado e Ignácio Rangel, e, de certa forma, para o surgimento da disciplina de Formação Econômica do Brasil nos cursos de economia. Das veias desta concepção, surgem o modelo democrático-burguês – que tem Néelson Werneck Sodré como expoente – e o modelo de subdesenvolvimento capitalista – no qual se destacam Caio Prado Júnior e Rui Mauro Marini. A partir das III e IV Internacional socialista, respectivamente, o primeiro tem inspiração leninista e o segundo trotskista. Certo consenso entre o imperialismo capitalista e de que há a descrença no desenvolvimento – e na certeza que países subdesenvolvidos não estariam em um estágio evolutivo do capitalismo –, deram origem às disciplinas de Economia Política e História Econômica Mundial (ou sua variação: Formação Econômica Mundial). Sobretudo estas disciplinas para contrapor a ideologia da ditadura militar que, em contrapartida, alimentou disciplinas de planejamento e desenvolvimento econômico nos cursos de economia.

Os longos períodos de inflação e estagnação dos anos de 1980 e 1990 trouxeram ao debate economistas como Mário Henrique Simonsen, Delfim

Netto, Bresser Pereira, Edmar Bacha, Francisco Lopes, com a aplicação dos saberes das escolas monetarista de Chicago (ortodoxos) e os inercialistas (heterodoxos). Os sucessivos planos de estabilização se tornaram as vedetes dos debates do Cruzado ao Real, e as teorias da inflação foram incorporadas em disciplinas de Economia Brasileira e Macroeconomia.

No final dos anos de 1990 e, neste novo século, o debate na Ciência Econômica abriu novas fronteiras que podem ser observadas nos Prêmios Nobel. Desde Douglass North, com a economia institucional; ou John Nash, com a teoria dos jogos não-cooperativos; passando por Merton e Scholes, com os novos métodos de avaliação de derivativos; Amartya Sen com suas contribuições para o bem-estar e os indicadores de desenvolvimento humano; Akerlof, Spence e Stiglitz com as teorias das informações assimétricas; Engle e Granger, com estudos sobre os movimentos das ações e dos investidores; chegando, finalmente, a Aumann e Schelling, com a análise do conflito e da cooperação na teoria dos jogos, perceberam-se a necessidade de instalar novas disciplinas e atualizar conteúdos nos cursos de economia. Somam-se a estes debates como a economia da sustentabilidade, o desenvolvimento local, a economia solidária e a redução da pobreza e se tem um novo quadro.

Nestes 75 anos foram 11 moedas, inflação de 27 dígitos, vários planos de longo e curto prazo e significativas transformações na realidade social do Brasil.

6 Atualidade e novos desafios da FACE

O final do século XX e início do século XXI vêm acompanhados de muitas transformações, questionamentos e desafios sociais e econômicos; assiste-se a reordenação capitalista; a volatilidade dos capitais; o crescimento vertiginoso das tecnologias da informação e da comunicação (TIC); a escassez de empregos; a obsolescência precoce do conhecimento, exigindo o repensar dos modelos de regulação da sociedade e das organizações e, por conseqüência, criando novas demandas em termos de formação de pessoal qualificado para enfrentar estes novos tempos.

Como exemplo desta situação, pode-se citar o caso da Índia e até mesmo da China que, pressionadas por inserção no mundo econômico globalizado preparam pessoal para atuar neste contexto. Isto permitiu a criação de uma força de trabalho capacitada a absorver, atuar e atender as demandas geradas pelo movimento do capitalismo. Assim, novas atividades criadas pela globalização, mas passíveis de serem tipificadas como de mão-de-obra intensiva, encontraram naqueles países o ambiente adequado para seu franco desenvolvimento (como são os casos da indústria de softwares, dos *call-centers*, de escritórios contábeis, dentre outros). São todos negócios que podem ser realizados em países de economia emergente, a custos menores de que nos países de primeiro mundo, e gerando trabalho para sua popula-

ção. Caracterizam-se, contudo, por exigirem pessoal qualificado, principalmente com domínio das novas TIC.

Neste cenário, cabe o destaque para as ações que estão sendo desenvolvidas na atualidade junto à FACE. Para fazer frente aos novos desafios, estão sendo criados novos projetos pedagógicos para os cursos da Faculdade, inserindo temas da pós-modernidade e hiper-modernidade, como o uso intensivo das TIC, pela criação de disciplinas na modalidade de Ensino a Distância – EAD. Nos novos projetos, considera-se o aspecto crucial do domínio, por parte dos discentes, destas práticas. Outras questões de caráter mais social também têm sido inseridas como Ética Empresarial, Gestão do Meio Ambiente, Economia do Desenvolvimento Regional, dentre outras. O enfoque, num mundo do trabalho globalizado, passa a ser o das competências distintivas. Os profissionais passam a incorporar elementos e sistemas de inteligência em suas competências em nível tão elevado como se fossem empresas individuais.

Uma das questões mais discutidas no ambiente acadêmico é a que trata da aproximação da Universidade com o mundo empresarial, falando-se do ponto de vista de uma escola de economia e negócios como é o caso da FACE. Tradicionalmente, as universidades convivem com o estereótipo de afastamento do mundo real. Independente ao debate de ser isto verdade ou não, a FACE, alinhada às diretrizes da PUCRS, adotou a estratégia de provocar esta aproximação e, conseqüentemente, romper com este paradigma.

Como ação estratégica, vem se desenvolvendo diversos projetos voltados a aproximar a Faculdade do meio empresarial e da sociedade. Atualmente, estão em andamento os seguintes projetos:

01. **Redes de Cooperação:** é um projeto realizado em parceria com a SEDAI – Secretaria de Desenvolvimento e Assuntos Institucionais do Governo do Estado do Rio Grande do Sul, e visa fomentar a atuação integrada entre empresas do mesmo setor de atividade, tornando-as mais competitivas. É a proposta de estimular a ação conjunta em busca de melhores níveis de eficiência organizacional. Nos anos em que está sendo instalado na PUCRS, este projeto já desenvolveu, até o momento, 34 redes de empresas nos mais diversos setores de atividade, como ferragens, padarias, minimercados, empresas jornalísticas, escolas públicas, floriculturas, dentre outras. Estas 34 redes congregam em torno de 1.000 estabelecimentos, responsáveis por aproximadamente 6.000 postos de trabalho; eles respondem por um faturamento global equivalente a R\$ 500 milhões/ano.

02. **O Laboratório de Mercado de Capitais/Sala Bovespa** traz parceiros com recursos financeiros e humanos para agregar valor à aprendizagem da cultura financeira de famílias e empresas. São parceiros deste projeto, a XP Investimento, a Intra Corretora, a Bovespa, a BM&F, a Gerdau, a Renner, a Agência Estado, a Petrobrás e o Corecon-RS.

03. **O Observatório da Cidade** é uma parceria com a Prefeitura de Porto Alegre para a pesquisa de indicadores socioeconômicos na cidade (www.observapoa.com.br).

04. O projeto **Sistema de Transporte Integrado em Porto Alegre** é uma parceria com ATP – Associação dos Transportadores de Passageiros de Porto Alegre – para a implementação de um sistema inteligente de transporte que permita ao cidadão usar tecnologias avançadas no pagamento, via cartão inteligente, e reduções no custo de mobilidade urbana.

Sobretudo, o espírito empreendedor dos Professores que iniciaram, há 75 anos, o curso de Economia e Finanças deve ser perpetuado, dando continuidade à soberana marca desta histórica: o compromisso com o desenvolvimento.

7 Referências

CHIAVENATTO, Idalberto. *Teoria geral da administração*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

CLEMENTE, Elvo; JOÃO, Faustino. *História da PUCRS*. Porto Alegre: Edipucrs, 2002.

FISHLOW, A. Origens e conseqüências da substituição de importações no Brasil. In: VERSIANI, Flávio R.; BARROS, Jose R. M. de (eds.). *Formação econômica do Brasil: a experiência da industrialização*. São Paulo: Saraiva, 1977.

FURTADO, Celso. *Formação econômica do Brasil*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1959.

PUCRS. <<http://www.pucrs.br/conheca/historico>>.

VERSIANI, F. R.; BARROS, J. R. M. (eds.). *Formação econômica do Brasil: a experiência da industrialização*. São Paulo: Saraiva, 1977.